revista CARONA

LEVANTAR A VOZ

Sabrina Marthendal[1]

Hoje não apresentaremos uma história com começo ou fim. Nos foi impossível descobrir onde isso tudo começou ou onde isso tudo poderia terminar. Vamos, então, simplesmente festejar! Relembrar as vozes. Celebrar as histórias de meninas e mulheres que correram, pedalaram ou lutaram tão rápido, mas tão rápido, que quase não foi possível ver elas passando pelo tempo. Nós queremos que a nossa voz chegue a todas as meninas do mundo. Você pode nos ajudar?[2]

Este ensaio fala sobre o processo de elaboração de uma dramaturgia que nasce a partir do entrelaçamento de muitas vozes. Vozes de ontem e de hoje. Vozes que ousam levantar-se e que, muitas vezes, em oposição a outra voz, crescem e ressignificam-se. Vozes em exercício de escuta e de pesquisa. Foi em uma sala de trabalho – território de encontro aberto ao vociferar – onde brota a dramaturgia coletiva "Histórias de Não Ninar". "Histórias de Não Ninar" foi uma montagem teatral realizada com a turma de crianças de 7 a 11 anos da Carona Escola de Teatro[3] durante o ano letivo de 2017, período vespertino. O espetáculo teve sua única apresentação aberta ao público no dia 23 de novembro do mesmo ano, integrando a programação da 20ª

[1] Pesquisadora visual, atriz, diretora, professora de teatro/fotografia e fotógrafa. Integrante da Cia Carona de Teatro desde 2006 e trabalhadora da cultura desde 1999.

[2] Trecho extraído da sinopse do espetáculo "Histórias de Não Ninar"

[3] Escola livre de teatro gerida pela Cia Carona de Teatro. Fundada em 2004, tem sua sede no Teatro Carlos Gomes – Blumenau/SC.

Mostra Carona de Teatro. Contando com uma equipe inteiramente constituída por meninas e mulheres, a dramaturgia foi construída de forma colaborativa e teve início a partir do contato ativo e afetuoso da turma com a obra literária "Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes – 100 fábulas sobre **mulheres extraordinárias**"[4]. Considero importante dizer que o livro em questão configura-se como resultado de um projeto idealizado pelas parceiras de vida Elena Favilli e Francesca Cavallo, que juntas fundaram o *Timbuktu Labs – laboratório de inovação em mídias infantis*, e que sua publicação só foi possível graças a uma campanha de financiamento coletivo proposta pelas autoras e apoiada por mais de 20 mil pessoas. O livro conta, também, com o sensível e essencial trabalho de 60 ilustradoras oriundas de diferentes países e continentes (entre elas, a brasileira Debora Kamogawa). Acredito ser extremamente relevante falar sobre o caminho que esse livro trilhou antes de chegar até nós, porque, como o espetáculo que realizamos posteriormente, ele também foi elaborado e concretizado a partir de ações coletivas.

É bastante comum que as montagens realizadas tanto pela Carona Escola quanto pela Cia Carona de Teatro[5] sejam criadas por meio de processos que seguem a lógica do coletivo e do **colaborativo**. Acreditamos na potência efetiva e imensurável da troca de saberes e experiências na construção artística. Aliás, o próprio projeto[6] que dá origem a esta publicação foi pensado, escrito e executado em coletivo.

"Acho que o maior desafio foi aprender a aceitar opiniões. Apesar de sermos muito unidas, durante todo o processo tivemos discussões sobre coisas bobas mas que na hora pareciam enormes. Às vezes queremos fazer tudo do nosso jeito. Aprender a ouvir, a escutar e a juntar ideias foi uma das coisas mais importantes e mais difíceis." (Emilly Silveira Zirbell, atriz do espetáculo)

[4] FAVILLI, ELENA & CAVALLO, FRANCESCA. **Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes**. 1ª ed. São Paulo. Editora V&R, 2016.

[5] Coletivo cênico do qual faço parte. Com sede em Blumenau/SC, a Cia Carona foi fundada em 1995.

[6] "Revista Carona" – Projeto viabilizado por meio da Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc (Lei no 14.017/2020) no município de Blumenau.

Rasga Corpo

A cada ano letivo a Carona Escola propõe um novo tema para que atue como norteador de estudos, pesquisas cênicas e consequentemente de montagens de final de ano, sendo ele o mesmo para todas as turmas. Em 2017, o tema intitulava-se **"Rasga corpo – tudo aquilo que já não se pode mais esconder"**. A princípio, pareceu-me desafiador encontrar uma forma de abordar esse tema com a turma de crianças, pois, à primeira leitura, ele me trazia mais ideias a serem trabalhadas em universo adulto.

Ainda no início do ano, as aulas eram mais focadas em dinâmicas de improvisação, jogos teatrais e exercícios de iniciação ao teatro (cerca de metade das crianças na turma nunca havia feito teatro antes e a outra metade já era aluna da escola há cerca de um ano). Éramos então uma equipe de 17 meninas/mulheres[7]: uma professora/diretora, uma estagiária docente/assistente de direção e 15 crianças em cena. Posteriormente, viriam a fazer parte dessa equipe uma figurinista[8] e uma contrarregra[9]. O fato de sermos todas meninas ou mulheres nos parecia mais instigante a cada semana. O fato nos chamava à criação e guiava nossas práticas por caminhos específicos. Esse foi o início de nossa aproximação com "Rasga Corpo".

Figuras 1, 2 e 3 – Encontros durante parte inicial do processo; Créditos: Sabrina Marthendal

Aos poucos, o foco do nosso trabalho semanal passou a ser cada vez mais

[7] Como atrizes: Ana Luisa Steinert Piva, Brenda Zahra Vicente Zabala, Emilly Silveira Zirbell, Hauani Maria Zimmermann Vargas, Isadora Soares, Jayne Priscila Loock , Júlia Anie de Oliveira, Lara Jane Piske Ringwalt, Lara Luzia Steinhauser, Lia Rebecca Andreaus, Lisa Abreu Pessoa, Martina Werner Siebert, Mel Agnes Merlim, Tamyres Bergmann de Andrade, Valentina Canali Abdala José. Como estagiária e assistente de direção: Thais Weingärtner. Como diretora: Sabrina Marthendal.

[8] Figurinista: Luisa Alejandra Uribe Pereira

[9] Contrarregra: Vanessa Martins

voltado às vozes das crianças. Esse processo foi natural e intuitivo. Encontramos na voz uma via concreta para “rasgar corpo”. Afinal, para que a voz seja gerada, é preciso rasgar-se por dentro. No som ou no conjunto dos sons produzidos pelas vibrações de nossas pregas vocais sob pressão do ar que percorre a laringe, exercitamos o direito de romper, de abrir, de conectar. Abraçamos esse processo por intermédio de diferentes práticas. Nesse sentido, ao explorar as nossas vozes, passamos também a buscar as vozes que compõem nossas próprias e as **narrativas** que, de uma forma ou de outra, alimentam ou inspiram nossas próprias. Lembro-me fortemente de um exercício que fizemos: Em um círculo bastante aberto, cada criança dizia em alto e bom som o nome de uma mulher e, em seguida, todas as crianças repetiam esse nome. Assim, na ordem do círculo, cada criança podia “colocar um nome no meio da roda com a sua voz”, que seria redito por todas as outras. Inicialmente, os nomes foram de nossas mães. Na próxima rodada, foram de nossas avós. Na próxima, de professoras. Depois, de amigas. Assim por diante, outros tantos depois desses. A cada rodada, um passo para o meio do círculo era dado. Assim, conforme mais nomes dizíamos, mais nos aproximávamos. O exercício seguiu, até que os nomes se tornaram incontáveis e não havia mais espaço entre uma criança e outra, as quais se abraçavam com **força**. Do atrito entre as matérias, consolidava-se potência. Da fricção entre nossas histórias e opiniões, gerava-se energia e movimento. O singular e o distinto, valorizados como força de construção, sustentavam nossas práticas coletivas e nos permitiam brincar de “falar, e falar alto”. Controversamente, durante nosso processo, quanto mais alto falávamos mais escuta tínhamos umas com as outras.

Figura 4 – Cena Rosa Parks durante Intercenas[10]
Crédito: Sabrina Marthendal

[10] Evento anual em que cada turma da Carona Escola de Teatro pode apresentar seus processos criativos para outras turmas e professores. Ao final de cada apresentação há um breve bate-papo.

Vozes existem[11]

Na dinâmica de nossos encontros, a ação de "levantar a voz" era essencial e tinha duplo sentido, tanto o de falar alto (por romper um estereótipo de volume visto como adequado a meninas comportadas) quanto o da ação concreta de trazer para a superfície vozes que foram ou são, de alguma forma, invisibilizadas. Começamos, então, a trabalhar a partir dos relatos contidos no livro de Elena e Francesca. Por meio de 100 histórias curtas, as autoras evidenciam o poder da rebeldia como pulsão de **transformação**. Cada página conta um pouco da vida de alguma "grande mulher" e cada uma dessas histórias é acompanhada por uma citação e por uma ilustração. A obra traz histórias de cientistas, matemáticas, biólogas, artistas, rainhas, ativistas, guerreiras, atletas etc. Mulheres ainda vivas e mulheres que já partiram.

"E olha, esse silêncio que eu fiz agora foi para que sentisse falta de mim." (Grace Passô em Vaga Carne).

As cenas se solidificavam dentro de uma dinâmica em comum: a partir do livro, o conhecimento e o (re)conhecimento da mulher e de sua história / improvisações em coletivo sobre entendimentos e impressões que a leitura gerou nas crianças, a princípio sem palavras / pesquisas mais aprofundadas sobre cada história, feitas por cada criança em casa e compartilhadas em coletivo / construção da dramaturgia a partir de novas improvisações e ensaios / definição de elenco (como as cenas eram improvisadas por todas as meninas, era preciso **escolher** quem, na apresentação do espetáculo, estaria em cada cena) / afinação da cena por intermédio de ensaios em núcleos. Assim sendo, a dramaturgia não traz as histórias da forma como foram escritas no livro, pelo contrário. Ela foi criada a partir do nosso contato com o mesmo, gerando algo particular.

[11] Frase que dá início a "Vaga Carne", espetáculo de Grace Passô e Ricardo Alves Jr.

"A maioria das cenas foram criadas pelas próprias alunas com várias dinâmicas diferentes, e depois a prof Bina foi nos auxiliando e ajustando até se transformar no que foi a peça final. Para mim os maiores desafios foram lidar com o trabalho em grupo e a experiência de apresentar a minha primeira peça de teatro." (Lisa Abreu Pessoa, atriz do espetáculo).

Figuras 5 e 6 – Cenas Grace O'Malley e Ada Lovelace em Intercenas; Créditos: Sabrina Marthendal

Como diretora e responsável pela finalização da dramaturgia, escrevi bastante do que está no texto final. Essa escrita, embora esteja amarrada com minhas palavras, sempre partiu do processo de fabulação das crianças. Sinto que meu trabalho foi muito mais de articulação e de ancoragem do que de criação em si. Lembro com muito **afeto** de todo nosso processo. A todo momento em que a Thais e eu chegávamos na sala com o livro nas mãos para trazer uma nova história, percebíamos com alegria que este momento era de expectativa. A sala de trabalho transformou-se em outros cenários a partir de tantos imaginários, e era um lugar em que eu gostava muito de estar. Juntas, pudemos brincar de desenhar o presente por intermédio de encenações. Fizemos diversas rodas de conversa sobre nossas inquietudes, assim como zombamos do tempo e exercitamos o esperançar, e acredito que, para isso, foi preciso certa coragem. Sinto que a experiência foi marcante para quem a vivenciou. Talvez pensar em experiência seja cada vez mais utópico. Gosto, entretanto, da frase de Anne Bogart em seu livro "A Preparação do Diretor"[12], que diz: "O ato de fazer teatro já é utópico porque a arte é um ato de **resistência** contra as circunstâncias".

Figura 7 – Cena Frida Kahlo em Intercenas; Crédito: Sabrina Marthendal)

[12] BOGART, ANNE. **A Preparação do Diretor**. 1ª Ed. São Paulo. Editora: WMF Martins Fontes. 2011.

Com os olhos abertos

Durante um de nossos encontros, uma aluna observou o livro em suas mãos e disse: “Prof, eu amo esse livro, a única coisa que eu não concordo é com o título. Essas histórias não dão vontade de dormir, dão vontade de **acordar**. Então o nome desse livro não tem sentido”. Decidimos então que, enquanto contássemos as histórias dessas grandes mulheres, ficaríamos com os olhos bem abertos. Esse foi o momento exato que deu origem ao título do espetáculo. Escolhemos não ninar. Mergulhamos atentas em diversas histórias. Por fim, escolhemos 15, e cada criança representaria a figura central em uma delas. O texto que introduz Hipátia de Alexandria e que apresenta as mulheres escolhidas foi dividido para ser dito pelas 15 crianças. Eu o trago aqui como se, ao dizê-lo, fôssemos apenas uma:

Meu nome é Hipátia de Alexandria, e eu estou aqui porque eu estou cansada do silêncio. Eu sou Elizabeth Primeira. Grace O’Malley. Catarina, a Grande. E estamos cansadas do silêncio. Eu me chamo Ada Lovelace. Eu sou Kate Sheppard. Rosa Parks. Nancy Wake, cansada do silêncio. Estamos cansadas do silêncio. Meu nome é Irena Sendlerowa, cansada do silêncio. Meu nome é Frida Kahlo, cansada do silêncio. Meu nome é Margareth Hamilton. Meu nome é Jane Goodall. Eu sou Lydia Huayallas. Eu sou Malala. Eu sou Coy Mathis, e eu estou aqui hoje, com vocês, para dizer que eu estou cansada do silêncio. Pedimos agora a licença para contar nossas histórias. Que são, muitas vezes, histórias de silêncios. Histórias de meninas e mulheres que correram, pedalaram ou lutaram tão rápido, mas tão rápido, que quase não foi possível ver elas passando pelo tempo. Vai ver é por isso que quase não tem meninas e mulheres nos livros de história que a gente estuda na escola! Vai ver por isso, esse silêncio. Tem menina que não pode estudar só porque é menina. Tem menina que é prometida em casamento. Tem menina que não pode mostrar o rosto. Só porque é menina. São tantas meninas, tantas vozes... que às vezes elas até se embaralham. Se misturam. Você. Eu. Nós. Nós queremos que a nossa voz chegue a todas as meninas do mundo. Você pode nos ajudar? Se não agora, quando? Se não eu, quem? **Somos muitas**. Você já ouviu falar de mim? De nós? Mulheres que já foram meninas, meninas que já foram mulheres. Fortes, corajosas e destemidas. Somos uma plantação. Somos as vozes. Somos as vozes das garotas rebeldes do mundo inteiro. Nós não negociaremos mais pela nossa existência. Não importa o que eles dizem lá fora. Você é linda. E tudo bem ser diferente. Nós, as filhas, também podemos ser heroínas. Travessuras não são algo que você planeja. Elas apenas acontecem. Estou ciente dos perigos. Não sou um anjo e não serei um até morrer: Serei eu mesma! Quando uma menina decide mudar, tudo muda ao redor dela. E enquanto estiver viva, terei controle sobre meu ser. Pelo menos me deixem ficar na escola por mais cinco anos. Somos parte da evolução do universo. Do cálcio em nossos ossos ao ferro em nosso sangue, somos feitas inteiramente de elementos gerados no coração das estrelas. Somos, de fato, filhas das

estrelas. Você precisa querer! Você precisa ter o direito de pedir. Não tenha medo. Nós estamos aqui. Houve um tempo em que garotas não podiam ser o que quisessem. Esse tempo se foi. Mexeu com uma, mexeu com todas!

Escolher especificamente essas 15 narrativas não foi nada fácil, pois acabamos nos encantando e nos apegando a muitas outras. Nós queríamos não apenas que o conjunto das mulheres escolhidas para o espetáculo trouxesse diversidade em termos de identidade, de orientação, de cor, de formação religiosa, de etnia, de classe social e de profissão, como também que cada atriz entendesse exatamente o que estivesse dizendo por meio das histórias e se identificasse com o desejo de contá-la, sem com isso fazer qualquer tipo de imposição.

Figura 8 – Cena Hipátia de Alexandria durante apresentação; Crédito: Leo Laps

Começamos o espetáculo com Kate Sheppard entrando pela plateia e pedindo assinaturas para um abaixo-assinado pelo direito da mulher ao voto. Elizabeth Primeira contempla um mar feito por 26 pés erguidos em movimento. Quando Grace O'Malley tira seu vestido de princesa e assume sua roupa de pirata, o mar agita-se. Catarina, a Grande, questiona o elenco sobre por que o teatro precisa fazer sentido. Figuras diversas celebram ao ouvir o discurso de Rosa Parks, acolhem Coy Mathis, cozinham com Lydia Huayallas e caem no chão ao Malala ser baleada. Jane Goodall observa tudo com seus binóculos. Frida Kahlo beija a mão de Irena Sendlerowa e, ao dizer **"Pés, para que preciso de vocês se tenho asas para voar?"**, ela introduz a cena em que Margareth Hamilton trabalha no programa de voo usado no projeto Apollo 11, a primeira missão tripulada à Lua. A costura entre cenas não segue uma ordem cronológica e preza pela afetividade do encontro.

Figura 9 – Cena Elizabeth Primeira durante apresentação; Crédito: Leo Laps

"O maior desafio para mim foi tornar orgânicas as entradas e saídas, fluindo entre as cenas nas trocas de

uma história para outra. Ainda não havia tido nenhuma experiência com a docência antes, então poder observar essa organização de forma ativa foi sem dúvida muito rico." (Thais Weingärtner, estagiária e assistente de direção do espetáculo).

Penso que colocamos em cena o que tínhamos desejo de colocar e, mesmo assim, o texto ainda chama a atenção para um paradoxo costumeiro das palavras: elas mostram-se tão poderosas e, ao mesmo tempo, tão insuficientes. Nosso exercício foi trabalhar o "direito a dizer".

"Para mim, fazer esse espetáculo foi retratar algo que muitos não conhecem, que são as mulheres que mudaram o mundo! Essas histórias são de super-heroínas sem capa, cada coisa incrível, me senti uma guerreira! Venci muitos medos, e atravessei muitos obstáculos interpretando Catarina, a Grande, isso será um acontecimento inesquecível para mim! Quero que todas as mulheres que se acham fracas, lembrem-se, vocês são guerreiras! Me inspiro até hoje!" (Valentina Abdala, atriz do espetáculo).

Depois de um ano de processo, o momento de partilha com o público nos pareceu rápido e repleto de imperfeições. Ainda assim, de alguma forma, isso pareceu não ter muita importância.

"As cenas foram criadas com muito cuidado para que tudo fosse apresentado de uma forma perfeita. Em minha opinião, a parte mais difícil de ser feita foi enfrentar o medo de algo dar errado durante o espetáculo, mas felizmente tudo ocorreu bem!" (Lara Luzia Steinhauser, atriz do espetáculo).

Figura 10 – Cena Grace O'Malley;
Crédito: Leo Laps

Intersecções poéticas

Quatro anos depois, em 2021, tivemos a oportunidade de vivenciar uma nova experiência dentro deste coletivo, graças à realização virtual do projeto Intersecções Poéticas[13]. Com a mediação extremamente sensível de minha companheira de Carona, Sabrina

[13] Projeto proposto pela Cia Carona de Teatro e contemplado pelo Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura 2019.

Moura, pudemos rever a filmagem do espetáculo e conversar sobre como vemos hoje essa **experiência**. Boa parte das crianças agora são adolescentes. Vimos que Thais ainda tem o livro "de ninar" em sua cabeceira e recorre a ele sempre que precisa, Emilly ainda guarda o abaixo-assinado com assinaturas da plateia, Lisa ainda preserva o caderno de anotações que Malala segurava em cena, e Brenda ainda tem um poema que escreveu para nós em 2017.

Figura 11 – Reencontro em Intersecções Poéticas; Crédito: Sabrina Marthendal

Da mesma forma que Brenda generosamente compartilhou seu **poema** durante nosso reencontro, o compartilho aqui, com você:

O que é agora?
Vocês, eu, nós
Era tempo ocupado, pensando, e andando, de lado a lado
Narrando e esbarrando, mas era sempre amado
Amados erros, amados lados, amados dias
Amadas minhas, podem ter certeza que irei
recebê-las à minha mesa
Para compartilhar amores e dores
Cheiros e odores
Sem gosto e com sabores.
Eu faço essa poesia para relembrar os nomes
Das mulheres e das flores
Os sons das nossas vozes que foram ouvidas
Dos quatro elementos, das quatro vidas,
Dos trechos e das frases compridas
Nós conseguimos
Nós vimos
Nós sentimos
Nós decoramos
E mesmo assim repito para meu fundo
Nada pode ser maior
Pois, separadas ou juntas, continuaremos interligadas em todas as lutas e batalhas
E não seremos cortadas por simples navalhas
Somos fortes e queremos escalar oito montanhas
15 corações, 15 mulheres, 15 rebeldes
Nós somos parte da evolução do universo
Evoluímos, fluímos, mas não servimos nem somos servidas
Se não eu, quem?
Se não agora, quando?
(Brenda Zahra Vicente Zabala, atriz do espetáculo).

Em tempos como este em que vivemos, finalizo este ensaio evocando a voz de Hipátia de Alexandria, ao lançá-la como apelo e provocação a todas nós: "Defenda o seu direito de pensar, pois mesmo que pense errado, será melhor do que não pensar nada".